

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ÚLTIMA HORA: UM JORNAL DE OPOSIÇÃO À CLASSE
DIRIGENTE E A FAVOR DE UM GOVERNO
POPULISTA**

THAÍS CARVAS FARIAS DE CASTRO

RIO DE JANEIRO
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ÚLTIMA HORA: UM JORNAL DE OPOSIÇÃO À CLASSE
DIRIGENTE E A FAVOR DE UM GOVERNO
POPULISTA**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

THAÍS CARVAS FARIAS DE CASTRO

Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Última Hora: um jornal de oposição à classe dirigente e a favor de um governo populista**, elaborada por Thaís Carvas Farias de Castro.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Fernando Antônio Mansur Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

CASTRO, Thaís Carvas Farias de.

Última Hora: um jornal de oposição à classe dirigente e a favor de um governo populista. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: William Dias Braga

CASTRO, Thaís Carvas Farias de. **Última Hora: um jornal de oposição à classe dirigente e a favor de um governo populista.** Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

A *Última Hora* foi criada pelo jornalista Samuel Wainer em 1950 como um veículo de apoio aos interesses do presidente Getúlio Vargas. O tema desta pesquisa é a influência do populismo de Vargas nas páginas de um dos mais importantes jornais populares brasileiros. Samuel Wainer demonstrou excelência e inovação em seu trabalho, trazendo para as páginas de seu jornal características desconhecidas na época, como a publicação de reivindicações populares, o uso de cor, a divulgação de promoções e prêmios, maior destaque para o futebol, divisão do jornal em cadernos e cobertura de assuntos ligados ao cotidiano do povo. Analisa-se a maneira como foi constituída a trajetória de vida dos principais personagens envolvidos na criação da *Última Hora*, assim como as novidades que o periódico trouxe para a imprensa do país, além de seus principais colaboradores. Pretende-se discutir as questões levantadas pelo tema a partir de uma análise da conjuntura histórica que levou a criação do jornal e revisão bibliográfica.

CASTRO, Thaís Carvas Farias de. **Última Hora: um jornal de oposição à classe dirigente e a favor de um governo populista.** Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

ABSTRACT

Última Hora was created by the journalist Samuel Wainer in 1950 as means of support to the interests of the president Getúlio Vargas. The theme of this research is the influence of Vargas's populism on the pages of one of the most popular Brazilian newspaper. Samuel Wainer demonstrated excellence and innovation on his work, bringing to his newspaper pages unknown characteristics of the time, as the publishing of popular claims, the use of color, the advertising of promotions and awards, more view on soccer, division of the newspaper into parts and covering of subjects related to daily life. It's analyzed the way how it was set up on the life's path of the main characters involved in the creation of *Última Hora*, as well as the news things wich the journal brought to the country's press, in addition to its main employees. It's intended to discuss the issues raised by the topic from an analysis of the historical conjuncture that brought to the creation of the newspaper and bibliographic review.

AGRADECIMENTOS

Nada na minha vida foi conquistado sem fé. Obrigada a Deus pela força e inspiração de cada dia.

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão que nunca mediram esforços para me ajudarem a chegar onde estou. Minha mãe sempre foi forte, inteligente e independente, me mostrando o poder que tem uma mulher. Meu pai é o meu exemplo de comprometimento com o trabalho, de bom humor e de boa vontade. Meu irmão me mostrou o significado de superação. Prometo ir cada vez mais longe, por mim e por vocês.

Aos meus avós, Manuel e Maura e, principalmente, à minha vó Maria Rosa. Mulher doce, de fibra e sempre pronta para me receber. A Nirce, que mais que prima, é minha irmã de criação e coração, minha irmã de fé.

A minha madrinha Cida, que, com muito amor, me ensinou o poder de uma boa leitura. O primeiro livro – e quem nos deu – a gente nunca esquece.

A William Dias Braga, meu orientador da vida. Obrigada pela paciência, por compartilhar sua extensa sabedoria e por não me deixar desanimar. Por tudo o que você representa, tem a minha eterna admiração.

A Marilene Dabus, mulher incrível e pioneira no jornalismo esportivo. A Haroldo Habbib, jornalista exemplar e um ótimo contador de histórias. E ao Rodrigo Mandarini, Sonia Freitas e Bia Prechet, amigos queridos que não me deixaram na mão.

A todos os professores que passaram pela minha vida: do IESA, Progressão e da ECO. Cada um deixou um pouco de seu conhecimento na minha trajetória. Meu respeito e carinho à vocês. Um obrigada especial para Adonis e Edson, meus historiadores favoritos, que muito ajudaram na concepção desse trabalho. E ao Henrique, que deixou de ser professor e se tornou meu padrinho, mas que continua me ensinando a arte de viver a vida com sagacidade e companheirismo.

A Camila, Carla, Dandara, Gabrielle, Jéssica e Naimara. Por mais longe que eu vá, sei que sempre terei minhas melhores amigas para voltar. As mesmas de quando eu tinha 12 anos... As mesmas que terei quando eu não quiser mais contar quantos anos eu tenho.

Aos meus mosqueteiros: Barbara, Mariana e Rodrigo. Parceiros de jornada, eternos. A Gabrielle Bernardes, Nathália, Carlinha, Camile, Daniela e Rodrigo Austregésilo. Vocês são as melhores coisas que a faculdade me deu. Do primeiro período de ECO para a vida!

Ao amigo Guilherme, por segurar essa barra junto, sempre presente. Nossa amizade pode ter nascido de um erro, mas, no final das contas a conclusão é que eu sou mesmo tua fã! Muito obrigada a você e ao Ramon com a tradução e incentivo.

A Alexandra, Daiana, Natália Ruback, Verônica e Renatinha: as amigas que me mostraram o lado suave da vida quando eu achava que ia surtar. As soltinhas são sensacionais!

Aos queridos amigos do Setor de Extensão da ECO, do Lance!, em especial Bruninha, Mariah, Marina, Roberto, Carlinhos, Vitor e Thiago, e da Editora Record, principalmente BestSeller e BestBolso. Foi extremamente enriquecedor trabalhar cercada de pessoas tão maravilhosas.

Todo o meu amor e gratidão a cada um de vocês. Obrigada por tudo o que fizeram por mim até hoje. Obrigada pelo que ainda vão fazer.

“Aceitei o combate, e soube enfrentá-lo de peito aberto.”

(Samuel Wainer)

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 SAMUEL WAINER, VIDA E OBRA.....	4
2.1 Nasce o repórter.....	4
2.2 Litígios e polêmicas.....	9
3 ÚLTIMA HORA: DOS PRIMEIROS AOS ÚLTIMOS DIAS.....	14
3.1 Nasce o jornal.....	14
3.2 Seções, colunas e colunistas.....	21
3.3 Jornalistas Célebres.....	24
4 EM BUSCA DE UM JORNALISMO POPULAR E SUA RELAÇÃO COM OS PROJETOS POPULISTAS E NACIONALISTAS DE VARGAS.....	28
4.1 Getúlio Vargas e seu governo populista.....	28
4.2 Um jornal a serviço de Vargas.....	33
5 CONCLUSÃO.....	38
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1 – INTRODUÇÃO

Desde suas primeiras publicações, o jornalismo brasileiro passou por um intenso processo de renovação. Como muitos aspectos da sociedade, evoluiu de acordo com a conjuntura histórica de cada período atravessado pelo país. Levando em conta os avanços tecnológicos e culturais, o modo de fazer jornal foi se adaptando ao ambiente para sobreviver, tal qual um camaleão.

Inicialmente, a imprensa brasileira era submetida à monarquia. Mesmo assim, desde essa época publicações surgiram para demonstrar indignação quanto ao regime de governo de seus superiores. O jornalismo e a vida política sempre estiveram atrelados. É impossível falar de um jornal sem influências políticas no Brasil, desde a chegada da Família Real Portuguesa até os dias de hoje.

Os diferentes modelos políticos que passaram pelo país deixaram marcas nas linhas editoriais dos jornais, mas o maior líder político responsável por modificar os rumos da imprensa nacional foi Getúlio Vargas. Ao longo dos 19 anos em que esteve no Palácio do Catete – de 1930 a 1934 como presidente provisório, de 1935 a 1945 como ditador e de 1950 a 1954 como presidente eleito democraticamente – ele viveu uma relação confusa com a imprensa.

No período como ditador, no Estado Novo, Getúlio criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que controlava o conteúdo divulgado por jornais e revistas. Toda reportagem deveria passar pelo crivo dos militares responsáveis pelo departamento. Nesse período, críticas contra o governo e seus métodos eram vetadas, como se o presidente da República quisesse escolher quais memórias os brasileiros deveriam ter, já que noticiar é registrar.

Em meio a esse cenário, o jornalista Samuel Wainer, à frente da revista *Diretrizes*, fazia oposição à ditadura, tentando burlar a peneira do DIP maquiando suas críticas ao regime vigente, sempre com seu caráter inovador e politizado. Wainer e Getúlio estavam em lados opostos, cada um defendendo sua ideologia da maneira que lhes cabia: ao jornalista, escrevendo, e ao presidente, governando.

Os dois se encontraram no mesmo lado da batalha em 1949, com a democracia reestabelecida no país. Vargas precisava quebrar o silêncio que mantinha desde que havia saído do poder e Samuel tinha sede de informação. Por uma jogada de sorte do jornalista, as duas vontades se encontraram.

Getúlio Vargas, o símbolo do populismo brasileiro, voltou ao poder de forma democrática, nos braços do povo. Apesar disso, se viu rodeado por uma oposição de ferro, respaldada por uma imprensa ainda ferida pelo rigoroso controle do Estado Novo. O presidente precisava de um veículo de apoio no meio jornalístico, um braço do governo nas bancas e dentro das casas da população.

Por outro lado, Samuel nutria o sonho de montar seu próprio jornal. Insatisfeito com a mídia do país, que já estava condicionada a seguir os desejos de consumo da elite, Wainer idealizava um jornal verdadeiramente popular, voltado para os anseios do povo, trazendo conteúdo de qualidade e acessível à massa. A partir da ideia de Vargas surge a *Última Hora* de Samuel, sua razão de viver.

O tema deste trabalho é justamente a influência do populismo de Getúlio Vargas nas páginas da *Última Hora*, e como esse jornal de cunho popular serviu para aumentar a popularidade do presidente. Essa influência mútua de jornal popular/governo populista trouxe benefícios e malefícios para os dois lados, e esse aspecto é abordado.

O objetivo da pesquisa é analisar até que ponto um jornalismo popular pode seguir o modelo populista em suas páginas. A escolha de pesquisar sobre a *Última Hora* foi feita por duas questões: a primeira foi a relação única que o jornal estabeleceu com Getúlio Vargas, e como o seu populismo se perpetuou na linha editorial seguida pela publicação mesmo após o suicídio do presidente. A segunda foi a relevância da *Última Hora* na imprensa brasileira e a maneira pela qual, através de uma revolução estética e de conteúdo, esse jornal conseguiu suprir as necessidades de informação de diferentes camadas da sociedade, mas sempre priorizando as demandas do povo.

Por meio de revisão bibliográfica, o tema é contextualizado de acordo com a sua conjuntura histórica e dos principais personagens dessa revolução na imprensa. O trabalho está organizado em três capítulos, além da introdução e conclusão.

No capítulo 2, Samuel Wainer é o foco do estudo. Uma linha do tempo é escrita contando sua trajetória profissional, assim como suas vitórias e perdas. Ao longo de sua carreira, o jornalista passou por diversas redações, cobriu momentos históricos, como o Tribunal de Nuremberg, e conheceu e se relacionou com diversos políticos, jornalistas e personalidades. O capítulo também retrata alguns desafetos de Wainer, dando ênfase em sua briga com Carlos Lacerda, provavelmente o maior conflito da imprensa brasileira, que foi parar nos tribunais.

O terceiro capítulo narra a história da *Última Hora*, desde o momento de sua concepção até a separação entre o jornal e Samuel Wainer. As principais inovações oriundas do periódico foram mapeadas, assim como suas colunas, colunistas e jornalistas célebres. Os jornalistas de destaque e seus trabalhos pela *Última Hora* são apresentados e o modelo de jornalismo popular utilizado no Brasil é analisado antes e depois da influência de Wainer.

O capítulo 4 traz um resumo da vida política de Getúlio Vargas, da Revolução de 30 até a sua morte. Seu modo de governar, ora ditatorial, ora democrata, teve um traço marcante: o uso de medidas populistas e nacionalistas. Vargas sempre seguiu uma política capitalista, mas também assistencialista, e caracterizada por tentar proporcionar melhores condições de vida para a massa, como a criação das leis trabalhistas, do Ministério da Saúde e a determinação da obrigatoriedade do Ensino Médio gratuito.

Além disso, o capítulo explora a questão principal da pesquisa: a troca entre o jornal popular e a política populista. Questões envolvendo o limite da influência de Vargas são levantadas, assim como a dúvida de até que ponto o populismo favoreceu e prejudicou a *Última Hora*. Outra percepção é que, de certa forma, todas as inovações trazidas por Samuel Wainer ajudaram a constituir o que conhecemos até hoje como jornalismo popular.

O populismo, ao mesmo tempo em que proporciona avanços na vida da população trabalhadora, também condiciona essa população ao domínio do líder político. Essa situação, quando refletida nas colunas do jornal, acaba fazendo com que o leitor se torne fiel por uma questão de necessidade. O jornal se torna o agente fiscalizador do Estado.

A metodologia utilizada, através da revisão bibliográfica, apresenta uma síntese das obras escolhidas para auxiliar na compreensão do tema e uma análise objetiva das aplicações da pesquisa para o jornalismo.

2 – SAMUEL WAINER, VIDA E OBRA

Na Bessarábia, em 1910, nasceu Samuel Wainer. Pertencente a uma família judaica, mudou-se para o Brasil ainda criança. Morou no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, e sua casa, apesar de humilde, vivia sempre cheia, servia de abrigo para imigrantes judeus. Seus pais, Jaime Antílope Wainer e Dora, tinham oito filhos. Desde pequeno, era um apaixonado por livros: por não ter uma boa condição financeira, chegou até a roubar alguns exemplares em sebos.

2.1 – Nasce o repórter

Desde novo Samuel sentia insegurança em relação ao domínio da língua portuguesa, mas sempre teve consciência de seu faro jornalístico. Gostava de descobrir e contar acontecimentos, descrevendo as situações cotidianas e analisando os fatos. Em seu livro de memórias, “Minha Razão de Viver”, ele se coloca no papel de testemunha ocular da história, evidenciando ainda mais o seu gosto em narrar momentos.

Seu primeiro trabalho como jornalista foi no Rio de Janeiro, em 1933, escrevendo para o *Diário de Notícias*. Samuel era autor de uma coluna que expressava a opinião da comunidade judaica. Logo depois, foi colaborador na edição do *Almanaque Israelita*. Para complementar sua renda, chegou, inclusive, a ser leiloeiro.

No ano de 1935, envolveu-se em um projeto diferente de seus trabalhos anteriores: a *Revista Brasileira*. Aceitou o novo desafio, a convite de Batista Pereira e Wolf Klabin. “A *Revista Brasileira* era uma espécie de livro editado mensalmente, com mais de trezentas páginas. [...] Não era fácil fazer tal revista. Ela pretendia transformar-se numa réplica de uma publicação francesa, *Les Mois* [...]” (WAINER, 1987: 46). Lá, Wainer fazia um pouco de cada atividade que envolvia uma publicação. Ele passava da redação à gráfica, conhecendo as peculiaridades dos bastidores. Deixou a revista por não concordar com a divulgação de um texto favorável ao movimento Integralista.

Em meados do mesmo ano reuniu, com o apoio do jornalista Caio Prado Júnior, uma equipe para lançar a *Revista Contemporânea*. A publicação, que sobreviveu apenas alguns meses, seguia os moldes da *Revista Brasileira*.

Enquanto durou, naqueles agitados idos de 1935, a *Revista Contemporânea* alinhou-se à esquerda e foi agressivamente antifascista. Também ali eu cuidava praticamente de tudo, intensificando o aprendizado que iniciara na *Revista Brasileira*. Um mês depois de minha saída, a *Revista Contemporânea* deixou de circular (WAINER, 1987: 48).

Em 1938, Samuel Wainer recebeu um convite do jornalista Azevedo Amaral para trabalhar em uma nova revista: *Diretrizes*. O objetivo principal era retratar a situação política do país. No contexto do Estado Novo, com forte censura à imprensa, a tarefa era desafiadora e audaciosa. *Diretrizes* foi a primeira das grandes revoluções de Samuel na história do jornalismo. “Enfim, *Diretrizes* nasceu com todos os ingredientes para durar pouco. Mas durou bastante. Pelo menos, o suficiente para fazer história” (WAINER, 1987: 50).

Inicialmente, Wainer se sentia desconfortável, achava-se inferior aos grandes intelectuais que o cercavam. A jornalista Joëlle Rouchou, autora do livro “Samuel: duas vozes de Wainer”, teve acesso ao material bruto que culminou na realização da biografia de Wainer. Em uma das gravações, Samuel deixa claro seu complexo:

Eu entrei finalmente para o clube, mas sempre com uma certa distância, porque não trazia nenhuma biblioteca comigo, só trazia meu talento. Cultura era de ouvido, de ouvir falar. (ROUCHOU, 2004: 69)

Enxergava a convivência com seus colegas de redação como uma grande oportunidade de aprender e crescer. Envolveu-se com a ideologia política presente ao seu redor, que influenciava, também, *Diretrizes*. Desde seus primeiros exemplares, a revista tornou-se um referencial na luta contra a ditadura de Vargas, defendendo os interesses nacionalistas e lutando contra o nazismo e o fascismo.

Diretrizes conseguiu, por várias vezes, driblar a vigilância do Departamento de Imprensa e Publicidade (DIP), enganando a censura. A esquerda começou a ter cada vez mais influência na publicação. Samuel ocupava-se com o estilo da revista, sua diagramação, títulos, enfim, preocupando-se principalmente em implantar cada vez mais inovações gráficas, tendo como exemplo revistas estrangeiras. Dessa maneira, pouco percebeu a intensificação da ideologia política que começava a dominar *Diretrizes*.

Essa miopia política, que me ofuscava a visão de coisas óbvias como a presença do PCB no cotidiano de *Diretrizes*, tem causas facilmente identificáveis. Eu estava deslumbrado com a constatação de que tivera acesso ao clube dos intelectuais de esquerda. (...) Sentia-me honradíssimo por tantos privilégios. (WAINER, 1987: 53)

Foi através de *Diretrizes* que Samuel Wainer reencontrou Carlos Lacerda. Eles já haviam se cruzado em 1935, mas tiveram pouco contato. Em 1938, Lacerda se uniu ao grupo de intelectuais responsável pela revista. Nessa época, a relação entre os dois era de admiração e companheirismo.

Após ganhar investimentos financeiros em 1940, de Maurício Goulart – um paulista ativamente ligado a eventos políticos –, *Diretrizes* tornou-se uma revista semanal. Seu sucesso foi ainda maior e sua imagem marcada pela tradição de grandes reportagens. Em suas páginas eram publicadas várias denúncias, principalmente antinazistas, que tiveram ampla repercussão nacional.

No começo dos anos 1940 – por conta da publicação de uma entrevista com Fernando Lacerda, dirigente comunista –, Samuel Wainer foi preso pela primeira vez. Resolveu não submeter a reportagem à censura, mas assim que os exemplares chegaram nas bancas, dois policiais o aguardavam na porta de seu apartamento. Ele ficou 28 dias encarcerado, mas, assim que saiu, retomou o comando da revista.

A partir desse ocorrido, *Diretrizes* travou um embate ainda maior contra o DIP. As matérias driblavam a censura com criatividade e esperteza. Mas, em 1944, o folego para mais uma batalha acabou.

A gota d'água foi uma reportagem sobre o general Miguel Costa, que dividira com Luís Carlos Prestes o comando da célebre coluna – seu nome original, aliás, foi Coluna Miguel Costa-Prestes. [...] A chamada da capa era 'Miguel Costa, o general do povo', e o texto saudava seus feitos. No dia 4 de julho de 1944, mandei o material para o DIP. Poucas horas depois recebi um aviso que significava uma sentença de morte para *Diretrizes*: por ordem do diretor do DIP, a revista perde o direito à cota de papel que garantia sua impressão (WAINER, 1987: 67).

Sentindo-se ameaçado, o jornalista partiu para seu primeiro exílio, credenciado como correspondente do jornal *O Globo*. Seu destino final era os Estados Unidos, mas antes fez algumas paradas pela América Latina. Na Argentina, escreveu sua primeira matéria para a imprensa internacional: uma reportagem sobre a situação da política brasileira, encomendada pela revista norte-americana *Time*.

Em 1945, a pedido de Roberto Marinho, entrevistou Anita Leocádia, filha de Luís Carlos Prestes. A reportagem obteve grande repercussão. A publicação e aceitação de uma entrevista com esse conteúdo o fez perceber a mudança política no Brasil, e que era o momento de voltar ao seu país, sem medo de ameaças, para reabrir *Diretrizes* e transformá-la em um jornal diário. Segundo suas memórias, esse foi o seu maior fracasso jornalístico. “O jornal começou a cobrir escândalos, crimes, sempre carregando nas tintas sensacionalistas. Mais tarde, *Diretrizes* perderia por completo suas características originais e teria uma morte inglória” (WAINER, 1987: 85).

Em 1947, demitiu-se de *Diretrizes* e iniciou sua passagem pelos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Wainer assumiu a chefia de *O Jornal*, e levou modernidade à publicação. Pouco tempo depois de assumir, aumentou a tiragem de 9.000 para 16.000 exemplares.

Samuel cobriu uma série de momentos históricos pelo mundo, aproximando os brasileiros à conjuntura internacional da época. Cobriu a Conferência da Paz em 1945, na Cidade do México, como correspondente do jornal *O Globo*. Nessa mesma época, foi o primeiro jornalista sul-americano a entrevistar Tito. Em 1945, foi o único brasileiro a cobrir as sessões do Tribunal de Nuremberg. Diante da proibição de entrevistar qualquer réu, conseguiu driblar a vigilância e obteve uma declaração de Karl Doenitz, o segundo homem do Terceiro Reich. Além disso, foi enviado por Assis Chateaubriand, no ano de 1948, para cobrir a criação do Estado de Israel. Ao longo de sua vida, Samuel colecionou trabalhos na mídia estrangeira. Além da revista *Time* já citada, teve artigos publicados em diversos veículos, como o *Chicago Daily News*, *BBC* de Londres e o vespertino do partido comunista Francês, *Ce Soir*.

Mas, foi no início de 1949, no sul do Brasil, que Samuel fez a grande reportagem de sua vida: entrevistou Getúlio Vargas e anunciou na matéria seu retorno, lançando a candidatura à presidência do Brasil para a campanha eleitoral de 1950. Nesse dia, além de escrever uma reportagem reveladora sobre Vargas, que há anos exilara-se em sua fazenda no Rio Grande do Sul, e não falava com a imprensa desde 1945, também deu início a uma amizade que atendia a interesses mútuos, envolvendo política e certa cumplicidade.

Acompanhou toda a candidatura de Getúlio à presidência, a pedido de Assis Chateaubriand. No final da campanha eleitoral, sua previsão estava correta: Vargas voltou ao poder através do voto popular. Assim que foi eleito, o presidente propôs a Samuel a criação de um jornal para o povo, favorável ao governo, e ele aceitou. Pediu demissão à Assis Chateaubriand, despertando o ódio do influente comunicador. Em 12 de junho de 1951, a primeira edição da *Última Hora* foi publicada.

A decisão da fundação do jornal foi tomada no dia 2 de fevereiro de 1951. Trinta dias depois ele já havia comprado a oficina. Para diagramar seu jornal convocou o paraguaio André Guevara, e de sua equipe faziam parte seu velho companheiro, o jornalista Octávio Malta, e o chargista Augusto Rodrigues. Começava a sua revolução na imprensa (ROUCHOU, 2004: 79).

Samuel trouxe, junto com seu talento, inovações que acompanham os jornais até hoje, não só em relação à sua diagramação, mas também em relação a seu conteúdo, aos direitos de seus funcionários, à forma de atender as demandas do povo. No segundo e terceiro capítulos deste trabalho, a linha do tempo da *Última Hora* será traçada, assim como suas características, colunas e colunistas, enfim, seu pioneirismo na maneira de se fazer um jornal popular, e que tem influência decisiva no sucesso do governo de Getúlio Vargas.

Como patrão, Samuel Wainer era venerado por seus funcionários. Existia ali um poder bem maior do que chefe/empregado: ele era um exemplo a seguir. Além de pagar os maiores salários, também dava apoio para que a equipe realizasse um bom trabalho e gostava que as reportagens fossem feitas de forma mais humana, mais próxima da realidade do leitor. O jornalista Pinheiro Júnior, que trabalhou na *Última Hora*, conta no livro “A Última Hora (como ela era)” aspectos da relação entre Wainer e a redação de seu jornal.

Nós o invejávamos. Ele era nosso herói. Ele sabia disso e entrava na Redação para não decepcionar. E lá vinha de largos passos, circulando labirintos de cadeiras, esbarrando com suas amplas ilhargas em quinas de mesa, parando de repente como se estivesse ferido. Falava rápido, dava ordens e sugestões ao chefe de Reportagem que o ouvia boquiaberto [...] (JUNIOR, 2011: 20).

Durante os anos de *Última Hora*, Wainer enfrentou a fúria de um personagem que antes era seu companheiro de caminhada: Carlos Lacerda. A briga entre os dois agitou a imprensa nacional e dividiu opiniões. Mais à frente, detalhes dos litígios de Wainer serão narrados, sendo esse o maior conflito de sua carreira. A ditadura militar, em 1964, levou Samuel à necessidade de abandonar o Brasil novamente.

Em 1972, após passar por dificuldades e incontáveis obstáculos, Samuel Wainer precisou vender a *Última Hora*. Mesmo assim não desistiu de sua razão de viver. Aceitou, humildemente, um emprego em seu antigo jornal.

2.2 – Litígios e polêmicas

Em sua trajetória, Samuel Wainer se envolveu em muitas polêmicas e fez algumas inimizades. Luís Carlos Prestes é um exemplo. Os dois tinham uma relação distante, porém positiva, na época de *Diretrizes*. Mas em 1945 a relação desandou. Após a publicação da entrevista que Samuel fez com Anita Leocádia, filha de Prestes, o líder comunista rompeu qualquer ligação com Wainer. Em um último encontro, disse ao jornalista que achou a entrevista pura exploração dos sentimentos de Anita e que, além disso, Samuel tinha voltado ao Brasil politicamente errado.

Um de seus grandes inimigos era Assis Chateaubriand. Nascido na Paraíba, Chateaubriand formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Iniciou sua carreira de jornalista muito jovem, ainda no nordeste. Quando chegou ao Rio de Janeiro trabalhou como repórter e depois de um tempo foi, aos poucos, formando sua cadeia de imprensa. Era respeitado e temido, não só pelo seu talento, mas por fazer uso de seu poder junto ao jornal em benefício próprio.

Com a sua rede de contatos, foi um dos homens mais influentes do país. Contratou Samuel para um cargo de chefia, mas, depois de discordarem em alguns aspectos, como, por exemplo, as condições de trabalho da equipe, Wainer pediu para ser apenas repórter. Tinham uma frágil relação empregado/patrão, mas assim que Wainer abandonou seu emprego para lançar a *Última Hora*, qualquer laço de respeito foi rompido.

Na verdade, Samuel nunca gostou de Chateaubriand e, em contrapartida, o magnata nunca gostou de nenhum de seus funcionários. Assim que criou seu jornal, Wainer deu ótimas condições de trabalho aos repórteres e inflacionou o salário de seus funcionários, pagando um valor muito acima dos padrões da época. Isso provocou a ira de Chateaubriand, que começou desde então a chamá-lo de ladrão.

No período em que trabalhou nos *Diários Associados*, Samuel Wainer presenciou inúmeras situações contrárias às suas convicções. Segundo ele, dr. Assis, como gostava de ser chamado, utilizava-se de sua influência para benefício próprio, chantageando e ameaçando a quem quisesse, por ter em suas mãos a posse dos principais veículos midiáticos da época.

A corrupção nos Associados transformou-se numa instituição, praticada em todos os níveis. Contínuos extorquiam gorjetas para permitir a entrada de alguém, redatores tomavam dinheiro de açougueiros para não denunciarem o aumento no preço da carne, secretários de redação chantageavam empresas para impedir a publicação de críticas a seus produtos. Os negócios em nível mais alto, naturalmente, ficavam por conta do chefe (WAINER, 1987: 105).

Mas o maior desafeto de Samuel Wainer foi Carlos Lacerda. Os dois protagonizaram o que foi, provavelmente, o maior conflito da imprensa brasileira: travaram uma luta tanto pessoal, quanto profissional. De um lado, o jornal renovador de Samuel, *Última Hora*. De outro, o jornal conservador de Lacerda, *Tribuna da Imprensa*.

Os dois deram início à carreira na mesma época e lutaram juntos contra o Estado Novo. Eram amigos, estavam unidos pela mesma causa. Na época em que trabalhavam nos *Diários Associados* chegaram, inclusive, a morar junto para economizar dinheiro. Mas, a partir de 1945, com as mudanças ocorridas no cenário político do país e do mundo, começaram a trilhar trajetórias que, ao mesmo tempo se cruzavam – ambos foram, por exemplo, correspondentes internacionais, na mesma época – e se afastavam, no campo ideológico.

A jornalista Ana Maria de Abreu Laurenza escreveu um livro contando particularidades desse embate. Em “Lacerda x Wainer – O Corvo e o Bessarabiano”, ela traça o perfil dos dois e também de Getúlio Vargas, um dos principais motivos de discórdia entre os jornalistas.

Essa história ganha mais sabor quando identificamos duas personalidades controversas, fascinantes e inimigas, ex-companheiros de quarto e redação, por trás da *Tribuna* e da *Última Hora*: Samuel Wainer, jornalista, o “primeiro-amigo” do presidente Getúlio Vargas e Carlos Lacerda, jornalista e político, inimigo “número um” de Vargas (LAURENZA, 1998: 17).

Nesse panorama, Wainer era o jornalista engajado e politicamente correto, a favor do governo e que lutava por uma maior participação do povo nas decisões do Estado. Lacerda era o jornalista conservador, que baseava seu discurso – tanto jornalístico, quanto político – em uma postura católica, mais voltado à classe média urbana.

Carlos Lacerda foi um dos personagens mais controversos do cenário político nacional. Iniciou como um militante comunista, de extrema esquerda. Depois de romper com o partido, aliou-se à UDN, de extrema direita, e adotou um discurso liberal. Elegeu-se vereador, deputado federal e governador da Guanabara.

Foi expulso do Partido Comunista após publicar, em 1939, a matéria “A Exposição Anticomunista”, no jornal em que trabalhava na época, *O Observatório Econômico e Financeiro*. Na reportagem, ele dava detalhes da criação e funcionamento do Partido Comunista no Brasil, revelando a atuação nos movimentos sociais e entregando nomes de alguns companheiros de partido. Após esse episódio, perdeu muitos amigos.

Em 1949, lançou seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, claramente direcionado a quem era contra Getúlio Vargas, tendo a classe média como público-alvo. Dois anos mais tarde, Samuel Wainer fundou a *Última Hora*, pró-Vargas, direcionado ao povo. Carlos Lacerda e Samuel Wainer, diante das diferenças ideológicas e políticas, utilizavam, com frequência, seus veículos de comunicação para trocar insinuações.

No ano de 1953, após receber duras acusações quanto a origem do dinheiro que foi aplicado para a criação da *Última Hora*, Samuel sugeriu que fosse aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para que investigasse a reputação de seu jornal. Na *Tribuna da Imprensa*, Lacerda salientava supostos privilégios dados por Vargas à *Última Hora*.

Para Lacerda, os privilégios seriam os empréstimos vultuosos, sem garantias, do Banco do Brasil, as condições especiais para importação e financiamento de papel e “mais os recursos oficiais de toda a publicidade dos institutos e de todos os órgãos autárquicos.”

Tal situação, ainda segundo Lacerda, possibilitava a Wainer pagar os melhores salários do mercado aos jornalistas e contar com uma equipe capaz de produzir um jornal visual e editorialmente ágil e agradável, mantendo grandes tiragens para a época (LAURENZA, 1998: 54).

Ao sugerir a CPI, acreditando na constatação da legalidade de seus empréstimos junto ao Banco do Brasil, Wainer acreditava que nada seria encontrado contra a *Última Hora* e buscava livrar-se dos massivos ataques que sofria. Lacerda contava com o apoio, principalmente, de Assis Chateaubriand e Roberto Marinho.

O jornalista Maiko Guimarães narra, em seu livro “Caso última Hora – A crise que mudou o curso da história”, os momentos desse embate entre os dois principais jornalistas, Lacerda e Wainer, apontando a participação dos demais comunicadores em cada lado da história. Roberto Marinho abriu as portas da rádio Globo para que Carlos Lacerda intensificasse seus ataques à Wainer, e Chateaubriand, da TV Tupi.

No meio das investigações, o *Diário de São Paulo*, pertencente aos *Diários Associados*, publicou a polêmica matéria em que contestava a nacionalidade de Wainer. Com a manchete “Wainer não nasceu no Brasil”, a matéria investigativa afirmava que Samuel tinha nascido na Bessarábia – território situado na Europa Ocidental, que pertencia à ex-União Soviética.

Até então a nacionalidade de Wainer nunca havia sido questionada: ele sempre fora considerado brasileiro. Existe uma lei que impede qualquer estrangeiro de fundar um jornal no país, o que faria do jornalista um criminoso. Assim que saiu a notícia, outros jornais seguiram o massacre. Principalmente a *Tribuna da Imprensa*.

A reação de Wainer, segundo Jordão¹, foi dolorida. “Eu morei com Lacerda. Conteí para ele que uma das dificuldades que eu tenho na vida é não ter certidão de nascimento. Isso é sacanagem porque conteí isso a ele numa intimidade de amigo.” Wainer e Lacerda eram muito pobres, no começo da carreira, e moraram juntos quando trabalharam nos *Diários Associados*. Continua Jordão, “Samuel era muito pobre e veio da Bessarábia para cá de navio, sem registro. E, depois claro, tinha que ter jornal, tinha que ter revista e tinha que provar que era brasileiro” (LAURENZA, 1998: 43).

Em vida, Samuel sempre sustentou que era brasileiro. Um dos motivos de guardar o segredo de sua nacionalidade bessarabiana a sete chaves era o fato de que 45 grandes intelectuais brasileiros fizeram um documento provando que Wainer tinha nascido em São Paulo, no bairro do Bom Retiro. Para preservar seus defensores, Vargas pediu que a verdade só fosse revelada 25 anos após sua morte. Ele acreditava que, até essa data, todos já estariam mortos. Em 2005, seu livro de memórias foi reeditado e a informação foi atualizada.

¹ O jornalista Jorge Miranda Jordão começou a trabalhar na *Última Hora* em 1953, com 21 anos, e ficou até 1967.

Em julho de 1953 Samuel Wainer ficou preso durante 15 dias por se negar a informar o nome dos financiadores da *Última Hora*. Na CPI, foi esclarecido que muitos jornais da época haviam pedido empréstimos ao Banco do Brasil, mas Samuel foi o primeiro a quitar as dívidas de seu jornal. Mesmo assim, a batalha entre ele e Lacerda, com seus apoiadores, continuava firme. Como estratégia de defesa, Wainer gostava de expor seus adversários ao ridículo. Foi ele quem deu a Lacerda o famoso apelido de Corvo.

Em 22 de maio de 1954, morre o repórter policial Nestor Moreira, de *A Noite* [...]. No enterro de Nestor, Samuel Wainer, Otávio Malta e Moacir Werneck de Castro, editores da *Última Hora*, depararam-se com Lacerda todo de preto, com ar compungido. A associação de ideias foi imediata. E, na edição de 25 e 27 de maio, a *Última Hora* ilustrou dois editoriais com a figura de um corvo preto, com a cara de Lacerda, vertendo lágrimas sobre o caixão de Nestor Moreira (LAURENZA, 1998: 42).

Wainer foi absolvido, em 1955, da acusação de falsidade ideológica. A briga entre os dois jornalistas só cessou no período da Ditadura Militar.

Apesar de todos os conflitos, ataques, erros e mal entendidos envolvendo tanto sua vida pessoal quanto profissional, Samuel nunca deixou de trabalhar, movido por sua grande paixão pela profissão. Encerrou sua carreira na Folha de São Paulo, e escreveu até o último dia de vida. Foi jornalista até o fim.

3 – ÚLTIMA HORA: DOS PRIMEIROS AOS ÚLTIMOS DIAS

Em fevereiro de 1949, ainda como funcionário dos *Diários Associados*, Samuel Wainer estava em um avião fretado sobrevoando o pampa Gaúcho, com a intenção de fazer uma reportagem sobre a cultura de trigo no Rio Grande do Sul. A bordo, ouviu o piloto comentar que às vezes levava alguns convidados até a fazenda de Getúlio Vargas, em São Borja. Seu faro de jornalista foi aguçado, e ele resolveu fazer uma visita ao ex-presidente. “Pressenti, naquele instante, que chegara na hora certa ao local certo e ao homem certo: Getúlio Vargas estava precisando falar. Quase noventa minutos depois, eu tinha nas mãos uma entrevista que mudaria a história do país” (WAINER, 1987: 21).

3.1 – Nasce o jornal

Samuel foi à fazenda de Vargas em busca de uma grande reportagem. Conseguiu. O antigo ditador queria falar: após anos de silêncio, havia chegado a hora. Wainer escreveu a matéria que anunciava a volta de Getúlio Vargas. Em entrevista, Getúlio afirmou “Eu voltarei, mas não como líder de partidos e sim como líder de massas” (WAINER, 1987: 22).

Depois desse encontro, a relação entre político e jornalista ficou cada vez mais forte. Com o sucesso absoluto da reportagem, Assis Chateaubriand encarregou Samuel de cobrir todos os passos de Vargas na campanha eleitoral. O ex-governante também ficou muito feliz com o resultado da entrevista e queria ter Wainer por perto.

No livro “Minha razão de viver”, Samuel se colocou como espectador privilegiado da campanha de Getúlio Vargas pelo poder. Ele afirma que “a grande imprensa parecia decidida a silenciar sobre os passos do ex-ditador” (WAINER, 1987: 35). Pode-se afirmar que Samuel criou uma proximidade única com o candidato à presidência e isso fazia com que ele se tornasse, ao mesmo tempo, querido e odiado.

Políticos queriam tê-lo por perto como forma de status, para saberem mais sobre o retorno de Vargas. Pessoas comuns o paravam na rua e perguntavam detalhes sobre a vida e a rotina de Getúlio. Em contrapartida, no meio jornalístico ele se sentia preterido. Muitos guardavam rancor da censura aplicada sobre a imprensa no período do DIP e consideravam o apoio de Samuel ao ex-ditador uma traição.

O jornalista seguiu a cobertura das eleições ao lado de Getúlio e observava a adoração que o povo nutria por ele. Os dois se tornaram amigos e Samuel passou a integrar o círculo pessoal de Vargas, convivendo com sua família e aliados. Foi testemunha de muitos fatos históricos, alguns deles que, por fidelidade a Getúlio, nunca chegou a noticiar. Com o passar do tempo, ambos perceberam os frutos positivos que podiam brotar dessa ligação.

Depois de acompanhar todos os passos políticos do presidenciável, aquilo que Wainer antecipou na entrevista de 1949 se concretizou: em 3 de outubro de 1950 Getúlio Vargas foi eleito pelo povo. Voltou como o líder de massas que prometeu ser. “A verdade é que a primeira vitória de Getúlio na campanha de 50 foi contra a imprensa. Os jornais não lhe davam trégua, sequer o tratavam com isenção” (WAINER, 1987: 38).

Em 2 de fevereiro de 1951, após realizar um compromisso político ignorado pela grande mídia, o então presidente pergunta a Wainer “por que tu não fazes um jornal?” (WAINER, 1987: 126). A partir daí, Samuel embarcou na maior e mais importante jornada de sua vida. Sem poder contar com recursos oficiais e diretos de Getúlio, conseguiu meios financeiros oriundos de empréstimos do Banco do Brasil e de grandes políticos e empresários, dando início ao projeto *Última Hora*.

A decisão da fundação do jornal foi tomada no dia 2 de fevereiro de 1951. Trinta dias depois ele já havia comprado a oficina. Para diagramar seu jornal convocou o paraguaio André Guevara, e de sua equipe faziam parte seu velho companheiro, o jornalista Octávio Malta, e o chargista Augusto Rodrigues. Começava sua revolução na imprensa. [...] O lançamento do jornal, já com o título “Última Hora”, foi um fracasso, apesar de toda a publicidade de João Etcheverry com outdoors espalhados pela cidade – “Última Hora: um jornal vibrante, uma arma do povo.” [...] A campanha foi criativa. Toda a população aguardava o lançamento de um jornal popular, mas a rotativa quebrou e o jornal, que deveria estar nas bancas às 11h, chegou às 20h, e foi distribuído, de graça, no Maracanã [...] (ROUCHOU, 2004: 79).

Samuel Wainer montou uma equipe altamente capacitada e começou a elaborar a linha editorial da *Última Hora*. Ele buscava um jornal popular de conteúdo. Um jornal que fizesse pensar, que colocasse o leitor no centro dos acontecimentos políticos e sociais do país. “É consenso afirmar que a *Última Hora*, de Samuel Wainer, inovou na diagramação, na temática, e na imagem progressiva de seu jornal, como registra parte da memória da imprensa brasileira” (LAURENZA, 1998: 154).

Os jornais populares priorizam notícias que falam das ações do poder público, do dia-a-dia da população, da vida de famosos, economia doméstica, entre outros. Para

seduzir seu público, costumam abordar assuntos diretamente ligados aos interesses do povo. “Na pauta, o atendimento do SUS e do INSS, a segurança pública, o mercado de trabalho, o futebol e a televisão” (AMARAL, 2006: 9). Esses temas conquistam mais leitores da classe C, D e E, e são tratados de maneira superficial e pouco crítica.

Utiliza-se uma linguagem prática, mais próxima ao leitor, exibindo um conteúdo alinhado ao gosto do cliente para ganhar sua fidelidade. Além disso, a publicidade também é voltada para o seu público, trazendo produtos de maior apelo popular. As vendas desse tipo de jornal costumam ser avulsas, sem assinaturas, a preços mais em conta do que os jornais que atendem a um público mais alto, chamados *quality papers*.

Há nessas publicações a presença marcante do sensacionalismo. Geralmente extrapolando a utilização de assuntos como sexo e morte, trazem notícias apelativas e pouco informativas.

O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como a superposição do interesse público; a exploração do sofrimento humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão de privacidade de tanto de pessoas pobres e como de celebridades, entre outras. (AMARAL, 2006: 21)

Wainer modificou o estilo de jornalismo popular que se praticava no país: fugindo do conteúdo excessivamente sensacionalista oferecido pelas publicações do gênero, priorizava a qualidade da informação, querendo sempre ser o primeiro a noticiar, seguindo um conceito próximo ao que a jornalista Marcia Franz Amaral definiu em seu livro “Jornalismo Popular”.

O ‘popular’ identifica apenas um tipo de imprensa que se define pela sua proximidade e empatia com o público-alvo, por intermédio de algumas mudanças de ponto de vista, pelo tipo de serviço que presta e pela sua conexão com o local e o imediato (AMARAL, 2006: 16).

Talvez a maior característica que faz com que a *Última Hora* seja uma publicação essencialmente popular seja o fato de que, pela primeira vez, um jornal abriu espaço em suas páginas para dar voz ao povo. Muitas colunas o tornaram efetivamente “um jornal vibrante, uma arma do povo”, como dizia seu *slogan*. Suas matérias além de informar, faziam os leitores pensarem sobre as questões sociais, provocavam inquietações e debates nas ruas.

O jornalista Benício Medeiros, que trabalhou na redação da *Última Hora*, relatou em seu livro “A rotativa parou” a rotina de trabalho vivida intensamente por todos que ajudaram a construir o jornal. Mesmo tendo trabalhado na publicação no final de sua existência sobre a gestão de Wainer, Benício traça um perfil do jornal, desde sua criação até seu período final, e narra os novos ares que a *Última Hora* trouxe para a imprensa brasileira.

Uma publicação de tendência socialista, ou mais propriamente trabalhista, que devia representar, na fase inicial, um canal aberto entre o segundo governo de Getúlio Vargas e um segmento social mais ou menos abstrato da população, a que se chamaria hoje de ‘povão’. Inclua-se, nessa categoria, a classe proletária e largas faixas da classe média urbana, desassistidas quanto a algumas necessidades básicas – faltava água, faltava luz, faltava leite, faltava carne – e à espera de um veículo que as compreendesse e abrisse espaço às suas aflições do dia a dia (MEDEIROS, 2009: 14).

Ao contrário da afirmação de Benício Medeiros, a jornalista Ana Maria de Abreu Laurenza defende que, apesar de ser um jornal ligado a causas populares, ele não era socialista. Não seguia a orientação política de esquerda.

A *Última Hora* abria, sim, suas páginas para a classe operária e sua condição de vida, mas não porque desempenhasse uma ação de esquerda, à procura de rupturas e contradições do sistema capitalista. Esse espaço editorial era concedido para integrar a classe trabalhadora ao novo patamar do desenvolvimento capitalista (LAURENZA, 1998: 154).

Segundo Laurenza, o jornal defendia o estilo de vida capitalista, exaltando o trabalhador e seu produto de trabalho, incorporado à riqueza nacional. Ajudou a incentivar a evolução técnica da linha de produção e o aumento do mercado interno brasileiro, fortalecendo a economia.

Enfim, a *Última Hora* buscava fugir da velha fórmula utilizada pela imprensa brasileira. Misturando a experiência de grandes nomes do jornalismo com jovens promessas, o jornal saiu com formato dinâmico e ditou um novo padrão jornalístico, que é seguido até hoje. Samuel foi atrás de toda a infraestrutura para produzir e rodar a *Última Hora*. Comprou o parque gráfico do *Diário Carioca*, firmando um acordo para quitar as dívidas do jornal.

Com o objetivo de agregar mais *status* social à sua publicação, Wainer pensou em uma estratégia: convidar pessoas que servissem como peças-chaves para serem vice-presidentes da *UH S/A*, contribuindo, assim, para a aceitação do jornal pela alta sociedade. Os escolhidos foram Baby Bocaiúva, jovem engenheiro querido no Country Club e com

parentes políticos influentes; Carlos Holanda Moreira, neto do político e militar Plácido de Castro, que conquistou o Acre; Armando Dault de Oliveira, que pertencia a uma tradicional família gaúcha e o padre Antônio Dutra, que era um militante mineiro. Cada um colaborava estrategicamente para que o jornal fosse bem visto em diferentes camadas sociais.

Em 12 de junho de 1951, o jornal foi – finalmente – lançado. Trazia em sua primeira capa uma carta de Getúlio Vargas felicitando a criação do periódico. Desde o início a *Última Hora* se mostrava pró-Getúlio. Priorizando o conteúdo político, dava cobertura aos atos do governo, divulgando aquilo que a “grande imprensa” negligenciava.

Esse fato é posto em dúvida por Ana Maria de Abreu Laurenza. Em “Lacerda x Wainer”, Laurenza utiliza dados de uma pesquisa publicada em maio de 1952 pelo *Anuário da Imprensa* e realizada pelo IBOPE, que contestava a “conspiração de silêncio” que Wainer dizia existir.

Sendo a figura mais popular do Brasil, Getúlio Vargas é o homem mais discutido de nossa imprensa. É assunto. Vende jornais, quando aparece nas primeiras páginas, com seu riso aberto, charuto entre os dedos, no seu característico traje de fronteiro gaúcho. Na semana em estudo, 12 jornais fizeram sobre o presidente 316 registros, sendo 36 favoráveis, 33 desfavoráveis e 247 indiferentes ou neutros (LAURENZA, 1998: 80).

Nos meses iniciais, a equipe sofreu dificuldade para firmar o jornal e garantir a preferência dos leitores. Com muita criatividade, os jornalistas uniram-se para formular novas colunas e conquistar mais espaço no mercado. As novidades fizeram sucesso e, três meses após o lançamento, Samuel já respirava mais aliviado.

O sonho do jornal de massa começou a materializar-se graças a uma magnífica ideia de João Etcheverry. Num dia qualquer, Etcheverry sugeriu-me que, em vez de um único caderno com doze páginas, como fazíamos até então, publicássemos dois cadernos com oito páginas cada um. O primeiro caderno, que seria rodado por volta das sete horas da manhã, conteria as seções convencionais – política, economia, internacional, assuntos nacionais e etc. O segundo caderno, que rodaria antes, por volta das três da madrugada, seria reservado a assuntos mais amenos, como esportes e divertimentos. Poderia também abrigar, como sugeriu Etcheverry, reivindicações populares (WAINER, 1987: 144).

Foi a *Última Hora* que trouxe a diagramação para os jornais brasileiros. Outra novidade foi a valorização da imagem, já que os fotógrafos e ilustradores ganharam espaço de destaque nas edições. O jornal, aliás, ostentava uma equipe renomada de ilustradores: Antônio Nássara, Lan, Augusto Rodrigues e o famoso pintor modernista Di Cavalcanti.

Além disso, publicava não só as notícias de âmbito nacional e internacional, mas também reportagens que caracterizavam os problemas e assuntos cotidianos da população, deixando um pouco de lado a elite brasileira e colocando o povo como centro das atenções. “Um fato será notícia na imprensa popular se puder ser narrado de maneira a ficar próximo do leitor” (AMARAL, 2006: 64).

A Última Hora veio romper a tradição oligárquica da grande imprensa e dar início a um tipo de imprensa popular que não existia no Brasil. Até 1950, a opinião pública brasileira era dominada por meia dúzia de jornais, pertencentes a famílias tradicionais há mais de meio século (MEDEIROS, 2009: 24).

Outra novidade de Samuel que caiu nas graças da população foi trazer as promoções para seu jornal. A primeira delas oferecia “prêmios para toda família”, os leitores cortavam cupons, preenchiam e concorriam a prêmios: bicicletas, bolas de futebol, brinquedos. Segundo a jornalista Márcia Franz Amaral, a *Última Hora* promovia concursos, prêmios e promoções diversas para reforçar o vínculo com o leitor. Essa prática é utilizada até hoje em diversas publicações como um dos artifícios para garantir a fidelidade de seu público-alvo.

Apesar disso, por ter muitos jornalistas ligados à intelectualidade brasileira, o jornal também era lido pela alta sociedade carioca. Produzia matérias de qualidade que, mesmo com enfoque popular, atraíam a atenção das classes mais altas. O primeiro caderno, com suas matérias convencionais, atendia à necessidade de informação da elite. Já o segundo, de cunho mais popular, aguçava sua curiosidade sobre as demandas do “povão”.

Wainer também investiu em uma rádio. Ele comprou a Rádio Clube do Brasil (PR-3) e convidou o jornalista e escritor Marques Rebelo para dirigi-la, dando autonomia para que ele trabalhasse o conteúdo que seria explorado no veículo, como conta o jornalista Arnaldo Niskier em reportagem para o Jornal do Brasil.

Ele logo valorizou o lado jornalístico da emissora e deu força ao setor de esportes, dirigido por Raul Longras. Havia uma parceria muito estreita entre a rádio e o jornal, tanto que muitos repórteres da *Última Hora* eram apresentadores na emissora de rádio, entre eles eu me encontrava, transmitindo notícias – e até jogos de futebol, como ocorreu na estreia com um Fluminense x Portuguesa, no campo do América F.C.²

² Disponível em: <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2013/07/10/marques-rebelo-a-estrela-sobe/>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.

Esse projeto, assim como *Flan* – o primeiro grande semanário brasileiro, lançado por Wainer em 1953, também dirigido por Rebelo e ligado à *Última Hora* –, não durou muito tempo, mas marcou a história da comunicação do país e a carreira de Samuel Wainer.

Devido ao sucesso da *Última Hora* do Rio de Janeiro, Wainer começou a montar sua cadeia de jornais. Seguindo os mesmos moldes, lançou a *Última Hora* de São Paulo, em 18 de março de 1952. Em 1960, vieram os próximos: em Curitiba, Porto Alegre, Niterói, Belo Horizonte e Recife.

Em todos os estados, o jornal chegou por meio de interesses políticos. No estado de São Paulo era necessário, pois ali se fundamentava uma imprensa mais fechada, provinciana. A chegada da *Última Hora* representou a presença mais incisiva de Vargas. Nos outros casos, o apoio do jornal a algum candidato foi imprescindível. “O caso do Recife é exemplar, onde o jornal surgira para sustentar a candidatura ao Senado, pelo PTB pernambucano, do empresário José Ermírio de Moraes, dono do grupo Votorantin” (PEROSA, 2003: 53).

O jornal resistiu ao que foi, segundo o jornalista Pinheiro Júnior, “a primeira CPI da história do país” (JUNIOR, 2011: 25). Mesmo com as duras acusações que envolveram Samuel Wainer, a *Última Hora* conseguiu se manter. No período das investigações e depois que o caso foi encerrado, o jornalista e Vargas se afastaram. Mesmo assim, Samuel seguiu com fidelidade sua linha editorial pró-getulista.

Após o suicídio de Getúlio Vargas em 1954, muitos imaginavam que seria o fim da *Última Hora*, afinal seu principal aliado político não estava mais presente. Supostamente, a razão de a publicação existir seria o apoio que dava ao governo de Getúlio, e sua morte significaria o fim do jornal. Mas, a *Última Hora* se mostrou maior, e continuou mantendo sua linha partidária a favor do povo.

O golpe fatal, no entanto, foi o militar. Samuel Wainer foi para o exílio e, aos poucos, os jornais de sua cadeia foram sendo vendidos. Segundo a jornalista Marilene Dabus, que trabalhou no jornal entre os anos de 1968 e 1970, “a *Última Hora* foi um dos únicos jornais que fazia oposição à ditadura”³. A sucursal de Recife foi abandonada após o golpe e a queda do governador Miguel Arraes. Após passar por diversos ataques da imprensa, a *Última Hora* de São Paulo foi vendida em 1965, para o grupo *Folha*.

³ Entrevista concedida a autora em 06 de novembro de 2014.

O boicote publicitário só acentuava a crise na *Última Hora* carioca, mas a publicação seguiu buscando recuperação e obteve bons resultados. Mesmo assim, não ostentava o brilho e a influência de outros tempos. Em 1968, Wainer retornou ao Brasil, para comandar de seu jornal. Devido à conjuntura política da época, percebeu que para manter a *Última Hora*, precisaria se sujeitar às ordens dos militares, e assim comprometeria a história de uma publicação que mudou a atmosfera jornalística do país. Preferiu vender o jornal a traír seus ideais.

Às 12 horas do dia 21 de abril de 1972, quando saí do escritório de Maurício Alencar, a *Última Hora* já não era minha. A próxima edição seria rodada nas oficinas do *Correio da Manhã*, com outra linha editorial, outra equipe, outra alma. Fui para o prédio da *Última Hora* e convoquei meu pessoal para comunicar-lhe o desfecho de um capítulo importantíssimo da história do jornalismo brasileiro. Depois, sozinho no prédio vazio, dei-me conta de que a minha grande aventura terminara (WAINER, 1987: 281).

O projeto jornalístico da *Última Hora* continua presente na imprensa do país. Foi a base de uma revolução gráfica e de conteúdo, que atingiu tanto os jornais de cunho popular, quanto os jornais para classe A e B. A publicação de Samuel Wainer foi um marco no modo de se fazer jornal no Brasil.

3.2 – Seções, colunas e colunistas

Sem dúvidas, as colunas que recheavam as páginas da *Última Hora* marcaram sua geração e ajudaram na grande aceitação do jornal pelo povo, conquistando a simpatia dos leitores. O jornal era considerado como área nobre na imprensa, e transformava os colunistas em estrelas nacionais. Samuel Wainer assegurava a seus funcionários total independência para escrever, porém, com uma liberdade controlada quanto ao conteúdo.

Em outros termos, os colunistas jamais seriam obrigados a escrever algo que contrariasse seus pontos de vista, mesmos em artigos ou reportagens não assinados. Isso significava independência para Samuel, que não poderia permitir-lhes, no entanto, que escrevessem algo que afetasse os interesses da empresa. Essa espécie de liberdade eles não teriam (PEROSA, 2003: 57).

Com as seções e colunas, Wainer priorizava que a notícia fosse dada de maneira romanceada, humanizada. Ele queria histórias do povo, contadas de uma forma quase que teatral, para que o leitor se transportasse para a cena narrada.

Entre as principais, destacaram-se *O dia do presidente*, *Sociedade*, *Ora bolas!*, *Muro das lamentações*, *Fala o povo*, *Na Hora H*, *Revistas dos jornais*, *Luzes da cidade*, *Fofocalizando*, *Retrato sem retoque*, *Na ronda das ruas*, *Roteiro de um boêmio* e, a mais notória de todas, *A vida como ela é*.

O dia do presidente relatava o passo-a-passo da rotina de Getúlio. Samuel criou-a inspirado em exemplos norte-americanos. O jornalista Luis Costa era encarregado de cobrir tudo o que acontecesse no Palácio do Catete. Foi um dos ingredientes que alavancou a popularidade do periódico no início de sua circulação, e se consolidou através do tempo.

Sociedade era escrita por Maria de Lourdes Pacheco, mais conhecida como Lou Pacheco. A coluna social retratava principalmente os eventos da Zona Sul de Niterói. Apesar disso, ela também se preocupava com a comunidade e tentava ressaltar o aspecto social de seu trabalho. Lou Pacheco ficou conhecida como a “colunista socialista”.

O jornalista Sergio Andrade, mais conhecido como Arapuã, era o responsável por *Ora bolas!*, que era publicada inicialmente nos *Diário Associados*. Precisando de dinheiro e decepcionado com a forma que fora tratado no *Diário da Noite*, foi até a *Última Hora* pedir emprego, pois alinhava-se à ideologia política do jornal e admirava a forma com que Samuel Wainer tratava os funcionários. A coluna falava com humor sobre temas esportivos, políticos, culturais e sociais.

Muro das lamentações era uma coluna para dar voz ao povo. A cada fim de semana Samuel enviava um repórter e um fotógrafo para alguma praça do Rio, e lá ouviam a reclamação das pessoas em relação a sua rua, bairro ou cidade. Entre as reclamações mais recorrentes estava a falta de saneamento.

Fala o povo era semelhante. Renato Correia de Castro, que escrevia sob o pseudônimo de Marijô, tinha uma mesa onde recebia populares e suas queixas. “Tam para o céu, na seção, os benfeitores do povo, e para o inferno, seus inimigos” (WAINER, 1987: 146). Marijô escrevia de forma peculiar, usando expressões como “Ke koisa”. A coluna foi um grande sucesso, pois, assim como o *Muro das lamentações*, aumentava a comunicação com os leitores.

Uma das seções mais bem sucedidas da *Última Hora*, segundo Samuel Wainer narra em suas memórias, era *Na Hora H*, “com notas curtas e sempre quentes, assinada por Jacinto de Thormes” (WAINER, 1987: 144).

A coluna *Revistas dos jornais* repercutia as publicações feitas por outros meios veículos de comunicação: “verdadeira inovação da *Última Hora*, quando ainda não se

falava a respeito dos *ombudsmen*⁴, esta coluna faz uma resenha crítica dos jornais locais e nacionais” (HOHLFELDT, 2002: 32).

Luzes da cidade cobria eventos sociais nos clubes do subúrbio carioca, mostrando o glamour da Zona Norte. Os colunistas, Leda Rahl e Carlos Renato, tornaram-se celebridades devido a grande repercussão que a coluna atingiu, ao prestigiar as festas de Ramos, Madureira, Bonsucesso, Méier, entre outros.

Sergio Porto, sob o pseudônimo de Satanislaw Ponte Preta, escrevia a coluna *Fofocalizando*, na década de 1960. Com notas curtas que falavam sobre a vida de diversas personalidades, ele ridicularizava o regime militar com muito humor e ironia, em forma de coluna social.

Com um estilo marcante e forte, Adalgisa Nery escrevia na seção *Retrato sem retoques*. “Adalgisa agredia meio mundo com uma violência incrível, tratava militares a pontapés, demolia políticos, sempre se valendo do jargão nacionalista e getulista” (WAINER, 1987: 246). *Retratos sem retoques* fez um grande estrondo na sociedade da época, tornando-se um grande sucesso.

A coluna policial *Na ronda das ruas* inovou no modo de narrar os crimes. Ela contava a história de uma maneira diferente dos outros jornais, fazendo parecer que o repórter estivera no local no exato momento do ocorrido, como testemunha ocular.

Roteiro de um boêmio era escrita pelo cantor e compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues. Ele publicava histórias cotidianas e encerrava seus textos sempre com um trecho de uma de suas letras de música.

A famosa coluna *A vida como ela é* de Nelson Rodrigues, foi sem dúvida um referencial, tanto na carreira do escritor quanto na história da *Última Hora*. Samuel Wainer convidou Nelson, que era redator de esportes do jornal, para escrever uma coluna policial diária. Sugeriu que a primeira fosse sobre o caso de um casal que morreu a caminho de sua lua-de-mel, num desastre de avião. Wainer esperava que ele desse um tratamento menos burocrático a esse tipo de notícia.

Era uma obra-prima, mas notei que alguns detalhes – nomes, situações – haviam sido modificados. Chamei Nelson e pedi-lhe que fizesse as correções. – Não, a realidade não é essa – respondeu-me. – *A vida como ela é* é outra coisa.

⁴ No jornalismo, *ombudsman* é aquele profissional responsável pelo contato direto entre o público e o veículo, recebendo críticas, elogios e sugestões. Também tem liberdade de comentar reportagens de outros veículos.

Eu me rendi ao argumento e imediatamente mudei o título da seção. Deveria chamar-se “Atire a primeira pedra”, mas ficou com o título “A vida como ela é”, que considero um dos melhores momentos do jornalismo brasileiro (WAINER, 1987: 152).

A coluna caiu nas graças do povo, mas era criticada por segmentos conservadores da imprensa brasileira. Mesmo assim, os frutos positivos desses textos de Nelson Rodrigues continuam sendo colhidos até hoje.

3.3 – Jornalistas Célebres

A *Última Hora* é lembrada por muitos que nela trabalharam como uma “escola de jornalismo”. A publicação foi responsável por proporcionar momentos únicos na carreira de jornalistas consagrados, como é o caso do próprio Nelson Rodrigues.

Toda a família de Nelson era envolvida com o jornalismo, em especial o esportivo. Seu pai, Mário Rodrigues, chegou a fundar o jornal *Crítica*. E seu irmão, Mário Filho, foi um dos maiores jornalistas esportivos brasileiros de todos os tempos. Torcedor do Fluminense, Nelson começou sua carreira na *Última Hora* como cronista na seção de esportes. O sucesso de *A vida como ela é* rendeu ótimos resultados e ele se tornou um grande escritor, cujo sucesso ultrapassou gerações e os textos são conhecidos até por quem não viveu em sua época.

Outro grande jornalista que passou pela redação da *Última Hora* foi Moacir Werneck de Castro. Ele ficou no jornal até o fim. Intelectual, primo de Carlos Lacerda – com quem cortara qualquer relação por questões políticas e ideológicas –, iniciou sua carreira no jornal como copidesque. Amigo de Wainer de longa data, segundo o jornalista Benício Medeiros, Moacir foi um dos muitos profissionais que considerou a *Última Hora* como um local de grande aprendizado.

Paulo Francis, jornalista de forte personalidade, figurou entre os ilustres colunistas do jornal. Autor de muitos artigos contrários a Carlos Lacerda, era uma das estrelas da *Última Hora*. Apesar disso, às vezes contrariava seu chefe, como quando resolveu apoiar a campanha de Brizola à presidência, enquanto o jornal apoiava a eleição de Jango. Nesse período, depois de publicar artigos a revelia da linha editorial de Samuel, chegou a ser demitido, mas o patrão rapidamente voltou atrás e o chamou de volta.

Marques Rebelo, pseudônimo de Eddy Dias da Cruz, foi editor do *Flan* e da rádio comprada por Samuel Wainer, e um membro de confiança da *Última Hora*. O notável

jornalista teve maior destaque na literatura. Em 1964 entrou para a Academia Brasileira de Letras.

Adepto da escola realista, escreveu o primeiro livro em 1931, com o título de *Oscarina*. Depois vieram *Três Caminhos*, do qual o conto *Vejo a lua do céu* tornou-se telenovela; *Marafa*; o clássico *A estrela sobe* (1939) e em seguida o não menos famoso *O espelho partido*. Escreveu também diversos contos, a peça teatral *Rua Alegre*, em 1940, crônicas, biografias (dedicando-se à vida e obra de Manuel Antonio de Almeida, literatura infantojuvenil (10 livros) e literatura didática, em que se insere a Antologia escolar portuguesa, de 1970.⁵

O grande jornalista, escritor e historiador Edmar Morel integrou o grupo da fundação da *Última Hora*. Sua carreira foi extremamente importante para a imprensa e história brasileiras. Foi a partir da publicação de um de seus livros que a “Revolta da Chibata” ganhou essa nomenclatura. Morel passou pela redação de quase todos os principais jornais do Rio de Janeiro. Ele contribuiu com reportagens marcantes para a *Última Hora*, promovendo denúncias e divulgando esquemas ilegais, como o caso da contaminação do leite. Morel fez uma série de reportagens denunciando que o leite estava sendo adulterado – com água, farinha de trigo e até mesmo urina humana.

Essa, como outras das reportagens de denúncia feitas por Edmar, levou o jornalista a enfrentar processo na justiça. No caso da reportagem do leite, o final foi positivo: as acusações feitas nas matérias foram comprovadas, ele foi inocentado do processo e o Ministério da Saúde proibiu a venda em carro-pipa do leite, dificultando a contaminação do produto.

Outra série de reportagens feita por Morel que merece destaque pela repercussão que teve no país foi a que denunciou as condições precárias do sistema carcerário brasileiro, publicada em 1954.

Eu tinha um bom relacionamento com o então ministro da Justiça, Tancredo Neves, a quem pedi carta branca para entrar em qualquer hora do dia ou da noite nos xadrezes da polícia. Tancredo me concedeu a autorização. O que vi e o Jader Neves fotografou foram cenas monstruosas. Mais de mil presos espremidos apodrecendo nas masmorras policiais, amontoados como sardinhas em latas, vivendo numa promiscuidade imunda, misturando-se aos ratos, baratas e percevejos. [...] O resultado foi que a *Última Hora*, que naqueles dias sombrios tinham a tiragem reduzida a quinze mil exemplares, pulou com a denúncia para 330 mil. [...] Não creio que uma denúncia tenha tido tão grande impacto quanto o cruciante problema da superlotação dos xadrezes (MOREL, 1999: 224-225).

⁵ Disponível em: <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2013/07/10/marques-rebelo-a-estrela-sobe/>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.

Do mesmo modo, Octavio Malta esteve na *Última Hora* desde o princípio. Foi peça chave na sua fundação e lá se manteve até o último dia do jornal. Tal qual Moacir Werneck de Castro, ele presenciou os melhores momentos da publicação. Aliás, Malta acompanhou Samuel desde os tempos de *Diretrizes*. Inicialmente, foi para a revista a pedido do PCB, com a ordem de assegurar um controle comunista na publicação, fato que só revelou a Samuel vinte anos mais tarde.

João Pinheiro Neto foi um político brasileiro relevante, com intensa participação na história do país entre 1953 e 1964. Trabalhou na seção financeira e econômica da *Última Hora* e tornou-se um de seus vice-presidentes.

Embora formado em direito, despontara anos antes como um dos economistas mais brilhantes da sua geração. Outro dono de jornal que não fosse Samuel, naquele momento, fugiria dele. Vindo de uma tradicional família mineira, foi Ministro do Trabalho de João Goulart e dirigiu a Superintendência da Reforma Agrária, a Supra – sigla que por si só provocava calafrios nos altos meios reacionários (MEDEIROS, 2009: 152).

João Etcheverry, outro pilar da formação da *Última Hora*, foi responsável por ideias que renovaram o jornalismo brasileiro, como a divisão do periódico em cadernos. Braço direito de Wainer e superintendente do jornal, foi combatido na Guerra Civil Espanhola. Ligado ao governo de Jango, Etcheverry mesclou política e jornalismo em sua carreira. Em suas memórias, Samuel se refere a ele como “a alma do jornal”.

Última Hora marcou sua época por ter sido “possivelmente o primeiro jornal, ao menos no Rio, a romper com a discriminação à admissão de negros no quadro de repórteres” (MEDEIROS, 2009: 140). Waldinar Ranulpho, conhecido como Meu Sinhô, era especialista na história do samba, apreciava o carnaval e o encarava como coisa séria. Passou pela seção policial da *Última Hora*, mas firmou-se como comentarista carnavalesco, levando à redação porta-bandeiras, musas e mestres-sala.

Outra ação pioneira foi ser o primeiro jornal a colocar uma mulher, Marilene Dabus, para cobrir futebol no país. De boa família e com uma vida social bem movimentada, Marilene conhecia muitos jornalistas e pessoas da elite carioca. Começou a escrever sobre futebol timidamente, num período em que mulher não frequentava estádio. Através de Danuza Leão, sua amiga, Wainer entrou em contato e combinou uma reunião. Após a conversa, foi imediatamente contratada.

A jornalista sofreu muito preconceito ao entrar no mercado. “Você pode imaginar a reação dos homens? Foi um custo para eles perceberem que eu estava ali apenas para

trabalhar. Achavam que eu levava vantagem por ser mulher. Mas nenhum jogador me cantou enquanto eu estava trabalhando.”⁶

Esse tom de desconfiança era refletido nas histórias contadas pela redação, como demonstra Benício Medeiros em seu livro ao falar sobre Marilene: “Repórter inteligente e ousada, tinha seus segredos profissionais. Consta que entrevistava os atletas depois das partidas, dentro do vestiário. Aproveitando esses momentos de descontração, conseguia informações exclusivas” (MEDEIROS, 2009: 124).

Marisa Raja Gabaglia, jornalista e escritora, publicava matérias de temas leves, voltadas para o humor, e muitas vezes inconsequentes. Apesar de polêmicas, suas reportagens tinham boa repercussão e caíam nas graças dos leitores. Era conhecida por não ter papas na língua.

O teórico de cinema Jean-Claude Bernadet foi crítico cinematográfico na *Última Hora*. Trabalhou de 1963 a 1964 no jornal, e nesse contexto analisou filmes mais populares. Em sua coluna, tinha liberdade para escrever e opinar, sem sofrer pressão e com as suas ideias respeitadas.

Com rápida ascensão no jornal, Milton Coelho da Graça conquistou seu espaço na *Última Hora* com coragem e certa cara de pau. Começou como copidesque, mas mudou de posição quando mudou o título de uma reportagem escrita por Samuel Wainer.

O chefe de redação passou o texto para Milton dizendo: “Lê para você aprender”. Ele então respondeu: “Não li e detestei. O título está uma porcaria”. “Você faria melhor?”, ele perguntou. Imediatamente Milton produziu “*La dolce vita* matou Alzirinha”. “Naquela época, o filme *La dolce vita*, de Fellini, estava fazendo muito sucesso”, conta Milton. “O chefe levou o título a Samuel, dizendo: ‘tem um *copy* aí, garoto novo, que disse que o texto dele é melhor que o seu’. ‘E é mesmo’, respondeu Samuel. Mandou dar bônus um bônus ao jovem atrevido pelo título, o que correspondia a 50 por cento de meu salário (PEROSA, 2003: 100).

É impossível entender o sucesso do jornal sem conhecer os maiores nomes que por ali passaram. As inovações propostas por ele foram fortemente influenciadas por cada um que marcou seu nome nas páginas da publicação. A importância histórica da *Última Hora* reflete-se na relevância de seus profissionais, pela excelência do trabalho de cada um, além da criatividade exercida por toda a redação.

⁶ Entrevista concedida à autora em 06 de novembro de 2014.

4 – EM BUSCA DE UM JORNALISMO POPULAR E SUA RELAÇÃO COM OS PROJETOS POPULISTAS E NACIONALISTAS DE VARGAS

Mesmo após se afastar de Getúlio Vargas, Samuel Wainer continuou sendo leal ao presidente. A influência determinante de Vargas na criação da *Última Hora* seguiu nas páginas do jornal, mesmo após o seu suicídio. A fórmula inicial de fazer um jornal para o povo se misturava com o modo de fazer política de Getúlio, e, muitas vezes, funcionava como agente do governo.

4.1 – Getúlio Vargas e seu governo populista

Getúlio Dornelles Vargas foi e ainda é uma figura central na história do Brasil. Até hoje é lembrado como um dos maiores e mais significativos presidentes do país. Sua política defendia interesses da indústria e da massa, com muito populismo, nacionalismo e carisma.

O “pai dos pobres” chegou ao poder através da Revolução de 1930, para acabar com a República Velha, que passava pela fase oligárquica com sua “política do café com leite”, a qual elegia ora um candidato de Minas Gerais, ora um candidato de São Paulo.

Suspendeu a Constituição de 1891, deu início ao Governo Provisório e começou a criar um código eleitoral estabelecendo mudanças como o voto secreto, voto feminino e o nascimento da Justiça Eleitoral. Além disso, estabeleceu na Constituição de 1934, as conquistas trabalhistas e a nacionalização do subsolo brasileiro.

O Brasil vivia um clima tipicamente pré-revolucionário. As forças esquerdistas aglutinavam-se na Aliança Nacional Libertadora, liderada por Luís Carlos Prestes, que retornara da União Soviética para articular o que entraria para a História como “Intentona Comunista”, desencadeada em novembro de 1935. As forças direitistas tinham como ponta de lança o Movimento Integralista chefiado por Plínio Salgado. Era o confronto entre as forças antifascistas e o fascismo. No meio estava o governo de Getúlio Vargas, esperando a ocasião ideal para dar um golpe (WAINER, 1987: 47).

A Constituição de 1934 previa uma eleição presidencial em 1938, mas Vargas planejava um golpe junto com os militares. Com o pretexto da existência do Plano Cohen – suposta articulação dos comunistas para promover uma guerra civil e matar o presidente –, em 10 de novembro de 1937 Vargas fechou o Congresso e impôs ao país um regime ditatorial: surge o Estado Novo.

Com uma nova Constituição, chamada de Polaca por conta de sua proximidade com a Constituição fascista da Polônia, os partidos políticos foram extintos, a liberdade de imprensa foi podada – as publicações eram fiscalizadas pelo DIP – e greves foram proibidas.

Nessa época, Samuel Wainer trabalhava em sua primeira aventura: *Diretrizes*. A revista fazia oposição à ditadura de Vargas. A equipe de redação procurava soluções para fazer isso de forma discreta, com o objetivo de burlar a fiscalização do DIP.

Foi só *Diretrizes* chegar às bancas para que a esquerda, sobretudo a esquerda ligada ao Partido Comunista Brasileiro, descobrisse que ali havia um imenso filão a explorar. Já no segundo número, *Diretrizes* se transformara no polo para onde convergiam os sobreviventes da resistência à ditadura de Getúlio Vargas (WAINER, 1987: 50).

O fim de *Diretrizes* foi causado pelo DIP, que suspendeu a cota de papel da publicação. Isso aconteceu com muitos jornais e revistas no Brasil, segundo dados cedidos pelo Departamento Nacional de Informação (DNI), sucessor do DIP no período pós Era Vargas. O jornalista Lira Neto relata essa situação no livro “Getúlio: Da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)”.

O DNI informara que nada menos de 420 jornais e 346 revistas tiveram seus registros cancelados ou negados por recomendação dos censores do antigo regime. No mesmo período outros 61 periódicos sofreram o corte da subvenção oficial sobre a compra de papel, uma das táticas então utilizadas para silenciar a imprensa que ousasse discordar da ditadura (NETO, 2014: 86).

Foi nesse período que surgiu o programa de rádio “Hora do Brasil”. Vargas utilizava esse espaço, das 19 até 20 horas, para falar diretamente com o povo brasileiro, promover os projetos do governo e tocar canções nacionalistas e que enalteciam o ditador. Até hoje as rádios brasileiras são obrigadas a ceder uma hora para a programação do governo, “A Voz do Brasil”.

Vargas procurou fortalecer a economia do país, facilitando a entrada de indústrias através de empréstimos para investidores, tarifas alfandegárias protecionistas e diminuição de impostos. O estímulo maior era para as indústrias de base, como a criação em 1941 da Companhia Siderúrgica Nacional, e em 1942 da Companhia Vale do Rio Doce. No Estado Novo o Brasil também passou por um intenso processo de urbanização.

Pode-se afirmar com certeza que as medidas sociais mais importantes feitas na Era Vargas foram os direitos trabalhistas. Uma de suas primeiras medidas foi criar o Ministério

do Trabalho e o Ministério da Educação. Com uma perspectiva paternalista, Getúlio garantiu proteção aos trabalhadores, criação do salário mínimo, promovendo mudanças que vigoram até hoje em nosso país. Estabeleceu em 1943 a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT): principal norma legislativa brasileira trabalhista, que regulamenta as relações de trabalho individuais e coletivas.

Todo apoio dados aos trabalhadores também tinha a intenção de condicionar as melhorias ao governo de Getúlio. A política populista e paternalista exercida por ele fazia com que a população se sentisse dependente de suas ações.

Ao longo desse processo, os líderes populistas desenvolveram com as classes populares urbanas, oriundas das sucessivas migrações, atraídas pelo processo de industrialização, uma relação extremamente ambígua: “ao mesmo tempo em que procuravam dar expressão e atendimento a alguns de seus interesses, assumindo-as como interlocutores e concedendo-lhes deste modo cidadania, por esse mesmo mecanismo limitavam sua cidadania e impediam sua emancipação, mantendo-as sob controle (ou, ao menos, tentando fazer isso), como aliado subordinado. E manipulavam-nas em função de interesses não especificamente delas. Mobilizavam-nas e ao mesmo tempo utilizavam-nas. Seduziam-nas com determinadas medidas e controlavam-nas”. (PEROSA, 2003: 14)

Após apoiar os Aliados que combatiam as ditaduras europeias na 2ª Guerra Mundial, Vargas começou o processo de redemocratização do país. Concedeu anistia aos presos políticos, estabeleceu as datas para eleições no país e permitiu a criação de partidos. Mesmo assim, em 29 de outubro de 1945, Getúlio é deposto pelos militares. Ele então renuncia formalmente ao cargo que ocupou durante 15 anos.

Nas eleições seguintes, Vargas foi candidato ao senado pelo Rio Grande do Sul (PSD) e por São Paulo (PTB), e a deputado federal por Bahia, Paraná, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais. Foi eleito em todos os estados. Acabou assumindo o cargo de senador do Rio Grande do Sul.

Apoiou Eurico Gaspar Dutra como candidato à presidência. Mesmo Dutra sendo um dos responsáveis diretos pelo golpe que resultou em sua deposição, Getúlio optou, por questões políticas e ideológicas, declarar seu voto nele. A diferença no resultado entre Dutra e o candidato que ficou em segundo lugar, o brigadeiro Eduardo Gomes – que estava a frente nas intenções de voto antes da interferência de Getúlio –, foi de mais de mais de 1 milhão de sufrágios, número expressivo para a época.

Vargas sofreu hostilidade de muitos companheiros de senado. Toda a bancada da UDN criticava seu antigo governo constantemente. Apesar disso, em 15 de junho de 1950

Ademar de Barros, então governador de São Paulo, lançou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência do Brasil.

Carlos Lacerda, o maior inimigo de Vargas, tornava explícita toda a insatisfação da UDN nas páginas da *Tribuna da Imprensa*. “O senhor Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar” (NETO, 2014: 188).

Contudo, a adoração que o povo nutria por Getúlio Vargas era impenetrável. As críticas serviam apenas para influenciar a elite, mas não tocavam na opinião da massa, já formada desde o período ditatorial. “Compreendi, entre outras coisas, que conhecera o primeiro líder burguês da História do Brasil a conseguir efetiva comunicação com o povo. As classes conservadoras não souberam captar tal fenômeno [...]” (WAINER, 1987: 39).

Sempre acreditando na força do povo a seu favor, o presidenciável percorreu 54 municípios pelo Brasil, ao longo de 53 dias de campanha. Seu discurso defendia principalmente a mecanização da agricultura, o bem-estar do homem do campo, a nacionalização das riquezas naturais, a valorização dos trabalhadores e o desenvolvimento industrial de base. Vinte anos após a Revolução de 30, no dia 3 de outubro de 1950 Getúlio Vargas é eleito presidente através do voto direto.

O novo presidente da República subiu as escadas do Palácio do Catete, sede do governo da capital federal daquela época, Rio de Janeiro, para administrar um Brasil que abrigava uma população total de 51.944.397 habitantes, da qual 20,2% moravam em cidades com 20 mil habitantes ou mais e 13,2% em cidades com 100 mil ou mais habitantes. O Rio de Janeiro e o Distrito Federal, que em 1960 transformou-se em estado da Guanabara, através da lei nº 3752 de 14/04/1960, tinham respectivamente 2.297.194 e 2.377.421 habitantes e juntos somavam 9% da população do Brasil (LAURENZA, 1998: 23).

Seu governo foi marcado pela forte característica populista e nacionalista, assim como no Estado Novo. Um governo populista caracterizado pela presença de um líder de grande representatividade e carisma. Uma imagem forte, referencial, com influencia nas massas. Em muitas políticas populistas, o governante abre mão de interferências partidárias e/ou ideológicas para supostamente defender os interesses nacionais. Com Vargas, não foi diferente. “Durante todos os lances da minha campanha eleitoral, não deixei de salientar que os meus compromissos com o povo superavam os meus compromissos partidários’, disse [Vargas], na primeira entrevista coletiva” (NETO, 2014: 205).

O nacionalismo incentivado por Vargas em todas as suas fases como presidente ajudou a difundir a identidade cultural brasileira, com manifestações que valorizavam as raízes, as riquezas do país.

Nessa conjuntura, os mais favorecidos eram os trabalhadores, fato que assustou a elite brasileira, que acusava Vargas, entre outras coisas, de prejudicar os lucros dos empresários.

Uma das grandes realizações do segundo governo foi a criação da Petrobrás. Desde o período do Estado Novo, ele priorizava a valorização dos recursos naturais e sua exploração pelo Estado. Quando senador, envolveu-se com a defesa da exploração do petróleo. Através da campanha “O petróleo é nosso” Getúlio criou a estatal, responsável pelo monopólio da exploração desse bem mineral.

Vargas era adepto da participação ativa e intensa do Estado na economia, adequando o Brasil a uma reestruturação econômica aos contornos do modelo vigente da época: o capitalismo monopolista.

Apesar de seus esforços em conciliar os interesses do povo e da elite, ganhava cada vez mais opositores nas camadas mais altas da sociedade. Carlos Lacerda, com o apoio de seu jornal, fazia inúmeras acusações – com provas ou não – à conduta de Vargas, tanto na sua vida pessoal, quanto na profissional. Alegando corrupção, a gestão de Vargas era diariamente atacada por Lacerda e seus aliados, no meio jornalístico e político.

O golpe final ocorreu em 5 de agosto de 1954. De madrugada, Carlos Lacerda, acompanhado por seu filho Sérgio Lacerda e pelo major Rubens Florentino Vaz – jovem oficial da Aeronáutica que estava escoltando o jornalista por medida de segurança –, sofreu um atentado a tiros em Copacabana, na rua Toneleiros. Lacerda foi atingido com um tiro no pé, seu filho não sofreu nenhuma lesão, mas o major Vaz morreu.

A imediata reação de Carlos Lacerda foi afirmar que o crime tinha o “dedo” de Vargas. Os militares apoiaram as declarações de Lacerda e também apontaram o presidente como responsável pelo crime. “‘Esses tiros me ferem pelas costas’, desabou Getúlio” (NETO, 2014: 298).

A partir das investigações, apareceram provas da ligação de homens da guarda pessoal de Getúlio Vargas no caso: Climério Euribes de Almeida e Gregório Fortunato, o “Anjo Negro” do presidente. O nome de Lutero Vargas, filho do presidente e candidato a deputado federal, também apareceu.

De todo o modo, a despeito de quem fosse o mandante final, o ex-chefe da guarda de Getúlio terminou assumindo a responsabilidade na intermediação do crime, após ser interrogado pelo inspetor Cecil de Macedo Borer – por sinistra ironia histórica, um dos responsáveis pelo interrogatório, em 1935, de Arthur Ernest Ewert, o comunista que enlouqueceu na cadeia após ser torturado pela polícia varguista (NETO, 2014: 330).

Apesar da pressão, inclusive de seu vice Café Filho, Vargas afirmava a todo momento que não iria renunciar. Os militares fizeram um manifesto exigindo a renúncia, aumentando a insegurança de Getúlio. Mesmo assim, ele afirmava que só morto sairia do Catete.

Dia 24 de agosto de 1954, cumpriu a promessa. Getúlio deu um tiro no próprio peito e marcou para sempre os rumos políticos do Brasil. Seu suicídio adiou em 10 anos o Golpe Militar. Milhares de pessoas se reuniram para prestar a última homenagem à Vargas. As redações da *Tribuna da Imprensa* e *O Globo* foram atacadas por populares. “Naquele 24 de agosto, multidões exasperadas atacaram praticamente todos os grandes jornais, bloqueando sua saída às ruas. O único a circular foi a *Última Hora*, que vendeu quase 800 mil exemplares” (WAINER, 1987: 205).

Em sua carta de despedida, Getúlio Vargas narra ao Brasil sua dedicação ao povo, e coloca seu sangue nas mãos de seus inimigos. Até o final Vargas foi fiel ao seu posicionamento ao lado da massa.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História (NETO, 2014: 347).

4.2 – Um jornal a serviço de Vargas

É imprescindível analisar o jornal *Última Hora* como um instrumento de renovação no mercado jornalístico brasileiro. Apesar disso, não há como negar as raízes profundas deixadas por Getúlio Vargas na criação do periódico. A *Última Hora* nasceu com uma função específica: ser um jornal de apoio ao presidente da República, contrariando a imprensa que apoiava a UDN.

A ideia de Vargas, ao sugerir um que Samuel fizesse um jornal, era de ter um órgão da imprensa a seu favor. Ele precisava de um meio de comunicação para ajudar a formar

uma nova imagem junto ao povo. Mesmo tendo a aprovação popular, não queria mais ser lembrado como o ditador.

Vargas queria se aproximar ainda mais do povo, mostrar como seu governo estava ajudando a progredir a vida da população. A essa altura, Samuel já acreditava nos ideais getulistas e tinha o sonho de ter seu próprio jornal, casamento perfeito de ideologia e vontade, como ressalta a jornalista Lílian M. F. de Lima Perosa, para o sétimo número da série de memórias, organizada pela prefeitura do Rio de Janeiro, “Cadernos da Comunicação”.

[...] *Última Hora* haveria de ser duplamente uma tribuna de Getúlio: diretamente, através da mensagem que veicularia e, indiretamente, através da concorrência comercial que encetaria, obrigando os demais órgãos de imprensa a rever sua política editorial. O jornal nascia com um objetivo político, cuja consecução deveria passar também pelo sucesso comercial, ou seja, a conquista de leitores, a “afirmação no mercado” e as técnicas que fossem utilizadas para tanto se configuravam como tática política. E, para Wainer, *Última Hora* seria também a oportunidade para a realização do seu sonho que, como o de qualquer outro jornalista, era ter seu próprio jornal (PEROSA, 2003: 15).

Através de suas páginas, o jornal agia como um braço do governo. Os repórteres iam atrás da população, queriam ouvir seus problemas, atender a necessidade popular de atenção, descobrir as principais demandas. O assistencialismo da *Última Hora* a aproximava do presidente.

Os jornais da época tinham uma relação já estabelecida com a burguesia: escreviam os interesses da elite, que buscava informação de economia, política nacional e internacional e ciência. Wainer, além de escrever sobre as necessidades da população – a nível nacional e local –, também usou um artifício de Getúlio para conquistar a população: apostou no binômio samba e futebol.

Seu jornal explorava bastante a cobertura futebolística e dava ênfase na cobertura musical, assim como Getúlio Vargas utilizava desses dois elementos para fazer propaganda política. Um exemplo disso foi o evento que fez no Maracanã logo após a sua posse: teve a participação da bateria da escola de samba Império Serrano, tetracampeã do Carnaval Carioca, e como encerramento, uma partida entre Vasco da Gama e América.

Em um país que testemunhava a formação de uma típica sociedade de massas, com o surgimento simultâneo de uma classe trabalhadora expressiva e de uma camada média urbana em ascensão, a fórmula do sucesso continha, em igual medida, ingredientes de forte apelo popular e doses generosas de sofisticação intelectual (NETO, 2014: 221).

Samuel Wainer também inovou, elegendo, além do futebol, notícias policiais e sobre o cotidiano da cidade como temas de grandes reportagens, devido aos interesses do povo. Mesmo assim, Samuel prezava por um conteúdo intelectualizado, com grandes profissionais por trás de cada texto.

Getúlio Vargas cultivou o hábito de ler o jornal e enviar a Samuel comentários sobre as matérias principais, criticando e elogiando os textos de acordo com a repercussão – positiva ou negativa – que geraria para o governo. Também enviava à redação sugestões (em alguns casos, quase imposições) de pauta, conforme as necessidades de divulgar alguma ação do Estado ou abafar algum rumor difamatório.

Entretanto, em alguns aspectos os dois divergiam. Mesmo conduzindo seu jornal de maneira franca ao lado do presidente, Wainer continuava seguindo seu dever jornalístico de informar. Procurava, óbvio, ouvir a versão do Palácio do Catete antes de publicar uma história, explicando o posicionamento do governo. Mas não deixava de noticiar e mostrar o que via de errado no país. “Só um gênio como Samuel Wainer poderia fazer um jornal que era ao mesmo tempo um arauto das aspirações populares e apoiando o governo de Getúlio” (MOREL, 1999: 187).

Em discurso, o presidente clamava para que o povo fosse os olhos e os ouvidos do governo. *A Última Hora* fazia essa ponte entre autoridade e população, abrindo espaço em suas páginas para retratar a vida dos brasileiros.

Nas ruas, a demanda do povo era por saneamento básico, preço dos alimentos, desemprego e transporte. Além disso, o jornal focava em problemas locais. “Entre outros temas prosaicos, o buraco na avenida, o preço do leite, a falta de carne no açougue da esquina e o ônibus superlotado passaram a ser objeto de registros” (NETO, 2014: 221).

A seção *O dia do presidente* levava ao público em geral algumas peculiaridades da rotina no Palácio do Catete. Através dessa coluna, não era publicadas só notícias de cunho político, apesar de conseguir muito furos para o jornal. Também eram publicadas notas com acontecimentos engraçados na vida do presidente ou ações cotidianas, que não envolviam apenas o seu dever como chefe de Estado.

O jornalista Luís Costa ficava permanentemente de plantão, percebendo tudo o que acontecia ao seu redor. Desde os tempos do DIP a imprensa tinha se acostumado a manter certo distanciamento dos governantes. Esse modelo de cobrir a rotina presidencial quebrou o medo de fazer uma cobertura mais próxima, causado pelo passado de censura e repressão.

O dia do presidente ajudou a tornar a figura de Vargas ainda mais popular, a mostrar que ele era “gente como a gente” e a desmitificar o passado de ditador, aumentando ainda mais o carinho popular por seu líder carismático. Além disso, fez com que a mídia em geral prestasse mais atenção no presidente. “Os leitores imediatamente compreenderam que aquela era a única janela disponível para o cotidiano de Getúlio Vargas [...]” (WAINER, 1987: 143).

Através de colunas como *Fala o Povo* e *Muro das lamentações*, a *Última Hora* também exerceu um importante papel de manutenção no diálogo entre governo e governados. Nos dois casos, populares expressavam nas páginas do jornal suas insatisfações. Cabia ao periódico cobrar das autoridades uma resposta para solucionar o que afligia a população. A comunicação com os leitores foi imediata.

Por isso, muitos historiadores e jornalistas defendem a *Última Hora* como o verdadeiro jornal popular: ele efetivamente falava com o povo, sobre o povo e pelo povo. “O objetivo do conhecimento popular é a imediaticidade, e existe uma vocação do discurso popular para a reivindicação” (AMARAL, 2006: 61).

Tais colunas seguiam a influência populista do Estado, que ao mesmo tempo em que ajuda, torna o cidadão dependente. Nessa situação, assim como a publicação das reclamações davam suporte às carências sociais, também faziam com que o jornal fosse necessário para a população. Como se, além de informar, o jornal servisse para cuidar do povo, sendo necessário para a ordem e o bem-estar de seus leitores. “A maior parte dos jornais de segmento popular constrói um leitor dependente de seu assistencialismo e atraído pelo fato de ver seu rosto e sua fala publicados no jornal” (AMARAL, 2006: 62).

Mesmo após o suicídio de Vargas, a *Última Hora* seguiu seu modelo popular/populista. No livro “*Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*”, Antonio Hohlfeldt conta a história da *Última Hora* do Rio Grande do Sul e explica que a relação do jornal com o populismo ultrapassou a ausência de Getúlio. A publicação do sul, por exemplo, defendia a figura populista de Leonel Brizola. O discurso era o mesmo da criação do primeiro jornal: o periódico estava a serviço do povo.

Se a *Última Hora* carioca estreou com uma carta de Getúlio Vargas a Samuel Wainer, estampada na primeira página, a título de editorial, a *Última Hora* gaúcha iniciou sua história com uma carta de Samuel Wainer, também enquanto um editorial, igualmente impressa na primeira página, em que se dizia, entre outras coisas: *Jornal sem compromissos com governo ou oposição, com partidos políticos ou grupos econômicos, só temos um compromisso, aquele pelo qual um dos maiores brasileiros de todos os tempos, Getúlio Vargas, ofereceu a própria vida e o seu sangue: defender os direitos do povo riograndense [sic] a uma vida*

mais feliz e mais alegre, apoiar as justas reivindicações de suas classes trabalhadoras, estimular o espírito de desenvolvimento de suas classes produtoras (HOHLFELDT, 2002: 24).

Assim, Samuel seguiu a publicação de seu jornal com conteúdo nacionalista e populista, carregando a imagem de Getúlio como pano de fundo de seu jornalismo popular. Na edição do Rio Grande do Sul, por exemplo, os sindicatos dos trabalhadores, tão valorizados por Vargas, tinham uma coluna escrita pelo jornalista João Aveline. *Movimento Sindical*.

Após o falecimento de Getúlio, a *Última Hora* apoiou dois outros presidentes que possuíam forte apelo popular: Juscelino Kubitschek e João Goulart. O primeiro, prometendo realizar melhorias que fariam com que o país crescesse “50 anos em 5”, tomou posse em 1956. O segundo, aposta de Getúlio Vargas desde os tempos em que estava isolado em São Borja, tomou posse em 1961 e foi o último presidente antes do Golpe Militar de 1964.

O período populista no Brasil entrou em declínio no período militar, assim como o sucesso da *Última Hora*. De certa maneira, a influência do populismo nas páginas do periódico de Samuel conseguiu resistir além de 1964, mas ajudou a cravar o fim do jornal. Não existia espaço para uma publicação que acolhia as reclamações populares em um período em que reclamar não era permitido.

5 - CONCLUSÃO

O jornal popular é, antes de tudo, um veículo de ligação direta com o povo. Com uma linguagem clara e textos objetivos, traz para seus leitores assuntos relacionados ao cotidiano. A *Última Hora* representou uma renovação ao modelo jornalístico que existia até a década de 1950.

No Brasil, os jornais de qualidade eram voltados para a elite e os jornais que atendiam ao povo eram, em sua maioria esmagadora, puramente sensacionalistas. A partir do jornal de Samuel Wainer, o conteúdo voltado para a massa foi sendo tratado de forma mais intelectualizada, mais preocupado em informar do que apenas vender.

Ainda hoje encontramos jornais que seguem o modelo “espreme que sai sangue”, mas encontramos também muitos outros voltados para as classes C e B que tratam de assuntos cotidianos de forma mais leve, de política e economia. Além disso, a herança de Wainer também contemplou os jornais dedicados à elite.

As publicações contemporâneas a *Última Hora* se viram obrigadas a adequar parte de seu conteúdo a temas como futebol e samba, devido ao interesse que o produto de Samuel despertou nas classes mais altas. Até hoje não existe um jornal tão múltiplo e abrangente quanto a *Última Hora*.

O que os outros jornais não conseguiam acompanhar era o modelo de fazer populismo nas páginas do jornal, implantado por Wainer. Seja por estarem ligados à oposição de tudo o que representava Getúlio Vargas, ou por não terem a genialidade de Samuel, que conseguia conduzir seu jornal de maneira criativa e moderna, os jornais daquele período não tinham a mesma desenvoltura na hora de falar do povo e para o povo.

Samuel enxergou antes de qualquer jornalista brasileiro o potencial de trazer a população para dentro do seu jornal. Reclamações, elogios e apelos: o leitor via a *Última Hora* como um espaço a seu favor. O periódico conseguiu, enfim, ser um braço do governo de Getúlio Vargas, atuando como intermediário entre o Estado e a massa.

O presidente da República exerceu uma importante função no processo de criação da *Última Hora*. A sua influência política na linha editorial da publicação, assim como suas sugestões de pauta e análises das principais manchetes, foram traçando, junto com o trabalho de Wainer, o estilo jornalístico apresentado nas colunas e reportagens do jornal. É importante deixar claro que, mesmo sob influência do Estado, Samuel não ocultava

notícias para beneficiar Getúlio. Seu compromisso era, acima de qualquer coisa, o de informar.

O populismo, tanto político quanto jornalístico, tornou seus beneficiários dependentes de suas ações. No caso da *Última Hora*, seus leitores precisavam que o veículo tornasse público os problemas sociais que enfrentavam. O jornal servia como a voz do povo e os olhos do governo.

Apesar de manter essa participação no início do jornal, Vargas foi se afastando com o tempo, principalmente após a CPI enfrentada por Wainer. Ainda assim, o jornalista seguiu leal ao projeto e à ideologia de Getúlio Vargas, argumentando que, como o líder político, o jornal continuava ao lado do povo.

Mesmo após o suicídio do presidente, Samuel continuou apoiando candidatos que eram, de alguma forma, ligados à Vargas e ao apelo popular. As colunas assistencialistas continuaram existindo e os temas ligados ao povo seguiram como carros-chefes da publicação. Enquanto a chama do populismo estava acesa no Brasil, a *Última Hora* encontrava espaço para brilhar.

Foi através das medidas populistas que os principais direitos dos trabalhadores foram conquistados. E na imprensa, foi através da *Última Hora*, representando o populismo em um jornal, que a população começou a ganhar espaço na mídia, recebendo um conteúdo personalizado e adequado à sua realidade.

Como pensar em um jornalismo efetivamente popular sem uma dose de populismo? Parece ser impossível pensar em um jornal para o povo que não pratique medidas populistas para suprir a carência de quem o consome. Esse jogo de poder e influência exercido pelo jornal popular em relação ao seu público reflete na mesma relação de lealdade e prestação de serviço estabelecida entre governo e o próprio jornal.

No caso da *Última Hora*, é difícil estabelecer onde termina o jornalismo populista e onde começa o jornalismo popular; onde termina o jornalismo em defesa de Vargas e onde começa o jornalismo em favor do povo. Afinal, escrever uma coluna retratando as reclamações de moradores quanto a problemas de saneamento nos bairros periféricos, por exemplo, favorece a quem? Ajuda a tornar explícito o problema dos moradores, mas, ao mesmo tempo, dá direito de resposta ao governo, mostrando as soluções que o Estado pretende tomar junto aos governadores e prefeitos. Sai ganhando o morador, que se depara com a solução das questões que prejudicavam seu bem-estar, e ganha também o governo, que mostra serviço ao atender o apelo e ainda divulga suas obras.

O uso do populismo e a influência de Getúlio Vargas na história da *Última Hora* não tirou a credibilidade do veículo. Ao contrário, esses elementos tornaram o jornal uma experiência única que, ao mesmo tempo em que provocou uma revolução na imprensa brasileira, manteve uma personalidade singular.

Samuel Wainer honrou o apelido de “Profeta” dado pelo presidente: à frente do seu tempo, previu um modelo jornalístico, tanto no campo estético quanto no de conteúdo e interação popular, que definiu o padrão da imprensa e continua vigorando até os dias de hoje.

A análise bibliográfica permitiu que, através de registros do período em que durou a *Última Hora*, este trabalho apresentasse as características de um jornal popular/populista e dos dois homens responsáveis por sua criação. Observou-se que o periódico conseguiu se firmar em um mercado em que o poder da informação se concentra na mão de um seleto grupo de magnatas da comunicação, utilizando a criatividade de Wainer e toda a equipe jornalística por trás da publicação, mas também pautado na política de um homem que se tornou um ícone de populismo, nacionalismo e liderança. A *Última Hora*, além de narrar um dos momentos mais relevantes na história do país, foi agente transformador desse período, interferindo diretamente nos rumos políticos e sociais do Brasil.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GUIMARÃES, Maiko. *Caso última hora: a crise que mudou o curso da história*. Porto Alegre: BesouroBox, 2011.
- HOHLFELDT, Antonio. *Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano*. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.
- MEDEIROS, Benício. *A rotativa parou!: os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- MOREL, Edmar. *Histórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- NETO, Lira. *Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PEROSA, Lílian M. F. de Lima. *Última Hora: uma revolução na imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação, 2003.
- ROUCHOU, Joëlle. *Samuel: duas vozes de Wainer*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2004.
- SOUZA, Ridavia de. *Botando os pingos nos is: as inverdades nas memórias de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver; memórias de um repórter*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Websites:

<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2013/07/10/marques-rebelo-a-estrela-sobe/>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.